

CRIATURAS: O HORROR DE ROCHETT TAVARES

Daniel Iturvides Dutra (UFRGS)¹

TAVARES, Rochett. *Criaturas*. Fortaleza: La Barca editora, 2011. 211 p.

O escritor norte-americano H. P. Lovecraft, em seu famoso ensaio *O Horror Sobrenatural na Literatura*, argumenta que um dos elementos fundamentais do horror é a construção de uma atmosfera perturbadora. Na concepção lovecraftiana de horror, tanto a psicologia dos personagens quanto a descrição de eventos que desafiam explicações racionais, passando pela descrição de cenários cujas características remetem ao estranho e ao bizarro (uma casa abandonada, um nevoeiro na floresta, etc.), e até mesmo o próprio enredo são considerados artifícios narrativos que visam o objetivo máximo da literatura de horror: despertar o medo do desconhecido.

Criaturas, obra vencedora do prêmio Otacílio de Azevedo, promovido em 2010 pelo Governo do Estado do Ceará, é o livro de estreia de Rochett Tavares e um digno representante dos conceitos teóricos lovecraftianos. *Criaturas* é uma antologia de oito contos que apresenta ao leitor um universo fantástico nunca visto antes na literatura brasileira, que, infelizmente não possui uma tradição na escrita do gênero horror (apesar de alguns autores como Murilo Rubião e Augusta Faro já terem esporadicamente enveredado pelo gênero).

Em “Retrato de família”, conto que abre a antologia, acompanhamos a narrativa de um soldado americano durante a invasão à Normandia na Segunda Guerra Mundial. O personagem narrador é um jovem do interior dos Estados Unidos que pertence a uma linhagem de soldados que lutaram em guerras passadas e, por causa disso, possui uma visão romântica e idealizada da guerra. Porém, as ideias do protagonista sobre as glórias da guerra são destruídas quando ele presencia a realidade brutal do campo de batalha. A grande virtude do conto é a descrição rica da invasão às praias da Normandia e a violência do combate, não poupando o leitor

¹ Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: daniel Dutra316@gmail.com.

de detalhes explícitos envolvendo a morte dos soldados em meio à explosão e metralhadoras e à violência que tais armas provocam no corpo humano. Mesmo sem o elemento sobrenatural, que trata de um misterioso culto de ressurreição dos mortos dentro de uma casamata nazista, o conto funciona muito bem como um retrato dos horrores da guerra (o autor provavelmente deve ter realizado uma considerável pesquisa histórica sobre o Dia D).

Os dois contos seguintes, “Visita ao necrotério” e “Aquele que viveria”, possuem uma dinâmica diferente, pois, ao contrário de “Retrato de família”, que se passa durante um acontecimento histórico, nesses dois contos, o autor nos apresenta o seu universo de horror particular, que possui suas próprias regras e convida o leitor a explorá-lo. No primeiro conto, passado na França em uma época indeterminada, um detetive é encarregado de investigar crimes de um psicopata que estaria imitando os crimes de um assassino em série executados há 30 anos, mas que inexplicavelmente sabe de detalhes dos crimes que a polícia não divulgou. O enfoque do conto está na descrição do estado de (in) sanidade em que o detetive se encontra. Já o segundo conto é sobre um personagem em busca de uma jovem desaparecida que encontra forças sobrenaturais em um posto de gasolina. O leitor segue sua jornada pelo universo de Rochett Tavares em “A criatura”, sobre um ser monstruoso que assassina jovens nas ruas de Paris; “O vendedor de tapetes”, em que um comerciante muçulmano é acusado de um crime que não cometeu; e “O mendigo de Vincennés”, a história de um mendigo que é caçado por possuir segredos que certos grupos desejam. Todos esses contos fazem parte de um complexo quebra-cabeças construído pelo autor.

“Bom Garoto”, o conto mais longo do livro, é sobre um garoto de uma família desestruturada que adota um cão encontrado na rua, ao mesmo tempo em que uma criatura espalha pânico na cidade em que ele mora. A narrativa lembra muito as histórias de Stephen King ao tratar dos dramas familiares (o pai alcoólatra, a esposa submissa, a filha mimada, o irmão retardado) e por ter um final inesperado. Para finalizar o livro, temos o conto “O pai das lendas”, a história do último sobrevivente de um mundo pós-apocalíptico, uma criatura que, pelo que a narrativa indica, seria o ser que deu origem ao mito dos vampiros.

A forma como o autor constrói lentamente uma atmosfera macabra em seus contos, apresentando ao leitor um cenário de aparente normalidade que aos poucos vai desconstruindo ao longo da narrativa, é a maior virtude de *Criaturas*. É através de pequenos detalhes que o autor revela o sobrenatural escondido em meio ao lugar-comum, como nesta passagem de “Aquele que viveria”, em que o narrador sugere a presença do sobrenatural por meio das impressões que uma velha garçonete de um restaurante de beira de estrada provoca no protagonista da história:

A tez caucasiana e os olhos cravados no interior de suas órbitas conferem à Srta. Smith uma aparência cadavérica, comparável às que o atacaram na noite anterior. Todavia, um leve rubor destacava-se em tão árida paragem, como que para anunciar que sua interlocutora ainda se encontrava no reino dos vivos (Tavares 2011: 100).

Um ponto que chama a atenção em *Criaturas* é que todos os contos se passam em localidades europeias ou norte-americanas e com personagens de respectivas nacionalidades. Não que a ausência de cenários ou personagens brasileiros diminua o valor da antologia. Pelo contrário, grandes nomes da literatura de horror como os americanos Edgar Allan Poe, Henry James e o supracitado H. P. Lovecraft escreveram histórias que se passaram em nações distantes a sua (Poe escreveu o conto “Crimes na Rua Morgue” cuja ambientação é Paris; a novela *A Volta do Parafuso* de James se passa na Inglaterra; e o conto “O templo” de Lovecraft é sobre soldados alemães na Primeira Guerra Mundial). O que se deseja atentar com essa observação é que alguns contos de *Criaturas* poderiam muito bem se situar em cenários e com personagens brasileiros sem perda nenhuma de qualidade literária. O conto “Bom garoto” é um exemplo, o personagem Bryan Miller poderia muito bem se chamar José da Silva e a história poderia se passar no interior do Nordeste, ao invés do interior dos Estados Unidos, que o desenvolvimento da história, junto com seu desfecho surpreendente, permaneceriam igualmente marcantes. Por outro lado, narrativas como “Retrato da família” seriam inviáveis em outro cenário não fosse o da Segunda Guerra Mundial, pois, neste, a essência da narrativa está intrinsecamente ligada ao contexto histórico em que ela se passa. Em suma, seria interessante se o autor explorasse o gênero horror em cenários e personagens brasileiros.

Portanto, o que é importante nos contos de Rochett Tavares não é a história que é contada, mas *como* ela é contada. Explicando em outros termos: o cineasta François Truffaut disse uma vez que nem sempre os melhores roteiros resultam nos melhores filmes, e que muitas vezes os melhores filmes nem sempre são aqueles que possuem os melhores roteiros. Parafraseando Truffaut, pode-se dizer que nem sempre os melhores enredos resultam nos melhores contos de horror, e que os melhores contos de horror muitas vezes utilizam-se de enredos batidos, pois, como H. P. Lovecraft preconiza, criar uma atmosfera de medo, muito mais que a história que está sendo contada, é o que constitui um bom conto de horror. Nesse sentido, Rochett Tavares segue com maestria as regras *lovecraftianas* para produzir uma boa literatura de horror.

REFERÊNCIAS

LOVECRAFT, H. P. *O Horror Sobrenatural na Literatura*. Rio e Janeiro: editora Francisco Alves, 1987.

RESENHA RECEBIDA EM 27/02/2013 E APROVADA EM 15/04/2013